

O IMPACTO DO CONFLITO RÚSSIA-UCRÂNIA NOS PREÇOS DE COMBUSTÍVEIS NO BRASIL: DESAFIOS PARA A SEGURANÇA ENERGÉTICA E ESTRATÉGIAS DE MITIGAÇÃO

THE IMPACT OF THE RUSSIA–UKRAINE CONFLICT ON FUEL PRICES IN BRAZIL: CHALLENGES TO ENERGY SECURITY AND MITIGATION STRATEGIES

EL IMPACTO DEL CONFLICTO RUSIA-UCRANIA EN LOS PRECIOS DE LOS COMBUSTIBLES EN BRASIL: DESAFÍOS PARA LA SEGURIDAD ENERGÉTICA Y ESTRATEGIAS DE MITIGACIÓN

Luiz Felipe Garcia Martins¹

Resumo

O presente artigo analisa os impactos do conflito entre Rússia e Ucrânia em relação aos preços dos combustíveis no Brasil, com ênfase nos desafios impostos à segurança energética nacional e nas possíveis estratégias de mitigação. A guerra envolvendo Rússia e Ucrânia, deflagrada em fevereiro de 2022, provocou uma elevação expressiva nos preços internacionais do petróleo, afetando diretamente países importadores de derivados, como é o caso do Brasil. Apesar da autossuficiência na produção de petróleo bruto, a estrutura do parque de refino e a política de precificação estabelecida no mercado internacional, expuseram o Brasil à volatilidade externa, com efeitos significativos sobre o custo de vida, os transportes, a logística e a atividade econômica. Os impactos se distribuíram de forma assimétrica entre regiões e segmentos sociais, penalizando de forma mais intensa os setores mais vulneráveis. Esta pesquisa, de natureza qualitativa, adota o método dedutivo e baseia-se em análise bibliográfica e documental de fontes nacionais e internacionais, abordando a importância de uma atuação coordenada entre os entes federativos, sobretudo por meio de políticas tributárias emergenciais, capazes de atenuar os efeitos de choques externos sobre o consumidor final.

Palavras-chave: conflito Rússia-Ucrânia; política energética; políticas públicas; preços de combustíveis; segurança energética

Abstract

This article analyzes the impacts of the Russia–Ukraine conflict on fuel prices in Brazil, with emphasis on the challenges posed to national energy security and possible mitigation strategies. The war involving Russia and Ukraine, which began in February 2022, triggered a significant increase in international oil prices, directly affecting countries that import petroleum products, as is the case of Brazil. Despite being self-sufficient in crude oil production, the structure of the refining sector and the internationally aligned pricing policy exposed Brazil to external volatility, with significant effects on the cost of living, transportation, logistics, and overall economic activity. These impacts were unevenly distributed across regions and social groups, disproportionately burdening the most vulnerable sectors. This qualitative study adopts a deductive approach and is based on bibliographic and documentary analysis of national and international sources, highlighting the importance of coordinated action among federal entities, particularly through emergency tax policies capable of mitigating the effects of external shocks on the final consumer.

Keywords: Russia–Ukraine conflict; energy policy; public policies; fuel prices; energy security.

Resumen

Este artículo analiza los impactos del conflicto entre Rusia y Ucrania sobre los precios de los combustibles en Brasil, con énfasis en los desafíos impuestos a la seguridad energética nacional y en las posibles estrategias de mitigación. La guerra entre Rusia y Ucrania, iniciada en febrero de 2022, provocó un aumento significativo de

¹ Luiz Felipe Garcia Martins, acadêmico do Curso de Bacharelado em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Internacional (Uninter)

los precios internacionales del petróleo, afectando directamente a los países importadores de derivados, como es el caso de Brasil. A pesar de la autosuficiencia en la producción de petróleo crudo, la estructura del sistema de refinación y la política de precios alineada con el mercado internacional expusieron a Brasil a la volatilidad externa, generando efectos significativos sobre el costo de vida, el transporte, la logística y la actividad económica. Los impactos se distribuyeron de manera asimétrica entre regiones y sectores sociales, afectando con mayor intensidad a los grupos más vulnerables. Esta investigación, de carácter cualitativo, adopta el método deductivo y se basa en el análisis bibliográfico y documental de fuentes nacionales e internacionales, destacando la importancia de una acción coordinada entre las entidades federativas, especialmente mediante políticas tributarias de carácter emergencial, capaces de mitigar los efectos de choques externos sobre el consumidor final.

Palabras clave: conflicto Rusia-Ucrania; política energética; políticas públicas; precios de los combustibles; seguridad energética.

1 Introdução

As transformações geopolíticas ocorridas ao longo das últimas décadas, têm imposto aos Estados uma crescente complexidade na condução de suas políticas energéticas. Em meio a uma ordem internacional tensionada por disputas estratégicas, instabilidades regionais e problemas no fornecimento de recursos, a energia tornou-se um vetor essencial para a manutenção da soberania, do crescimento econômico e da estabilidade doméstica. Diante desse cenário de interdependência acentuada e volatilidade crescente dos preços dos combustíveis, a segurança energética surge como questão central na agenda global.

A deflagração da guerra entre Rússia e Ucrânia em fevereiro de 2022, acentuou essa realidade. O conflito, ao envolver diretamente uma das principais regiões produtoras e exportadoras de combustíveis fósseis do planeta, provocou efeitos imediatos e profundos no mercado internacional de energia. Países fortemente dependentes da importação de petróleo e gás natural foram levados a reconsiderar suas estratégias de abastecimento para lidar com os impactos econômicos decorrentes da alta expressiva nos preços desses insumos.

Nesse contexto, o Brasil, embora autossuficiente na produção de petróleo bruto, não esteve imune aos efeitos dessa crise. A estrutura do parque de refino nacional, a política de preços atrelada ao mercado internacional e a dependência de derivados importados contribuíram para uma sensível exposição do país às oscilações externas. Como consequência, foram enfrentados aumentos abruptos nos preços dos combustíveis, com efeitos diretos sobre o custo de vida, o transporte, a logística, assim como a atividade econômica de maneira geral.

A presente pesquisa tem como objetivo principal analisar os impactos do conflito travado entre Rússia e Ucrânia nos preços dos combustíveis no Brasil, com ênfase nos desafios impostos à segurança energética nacional e nas possíveis estratégias de mitigação desse cenário de vulnerabilidade. Busca-se compreender ainda, como esses efeitos se distribuíram entre diferentes segmentos sociais e regiões do país, evidenciando suas assimetrias.

Diante dessa problemática, delinea-se a seguinte pergunta de pesquisa: de que maneira o conflito Rússia-Ucrânia impactou os preços dos combustíveis no Brasil, comprometendo a segurança energética nacional e que estratégias podem ser formuladas visando atenuar tal cenário?

2 Abordagem metodológica e delimitação do estudo

Ao longo do artigo, apresenta-se, inicialmente, a conceituação de segurança energética; em seguida, discutem-se os impactos do conflito nos preços de combustíveis no Brasil e, por fim, propõem-se estratégias de mitigação com base em políticas públicas e alternativas energéticas.

Ao considerar o contexto internacional das últimas décadas, marcado por disputas geopolíticas e pela crescente transição no setor da energia, percebe-se que a segurança energética ultrapassa a mera gestão de recursos, inserindo-se no cerne das Relações Internacionais. Tal tema, influenciado tanto por políticas nacionais, quanto por alianças interestatais, torna-se ainda mais sensível, haja vista os impactos que oscilações nos preços dos combustíveis fósseis causam aos diversos atores internacionais.

Dessa forma, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de método dedutivo, fundamentada em revisão bibliográfica e análise documental. O levantamento abrange fontes acadêmicas (artigos e livros), institucionais (organismos internacionais, agências governamentais) e jornalísticas (portais especializados em economia e energia), selecionadas pela atualidade, relevância e confiabilidade no contexto da geopolítica energética. O recorte temporal concentra-se entre 2021 e 2023, abrangendo o período prévio e posterior à deflagração do conflito entre Rússia e Ucrânia. A análise foi conduzida com base em interpretação crítica e articulação teórica, relacionando os dados aos conceitos de segurança energética, vulnerabilidade estrutural e políticas de mitigação dos impactos externos no mercado brasileiro de combustíveis.

Desse modo, antes de examinar os efeitos diretos do conflito nos âmbitos global e brasileiro, é fundamental compreender os fundamentos teóricos da segurança energética.

3 Conceituação de segurança energética

Diante da crescente fragilidade imposta aos diversos atores internacionais pela atual conjuntura geopolítica, que os torna cada vez mais interdependentes, surge a necessidade de discutir temas como a influência que qualquer alteração no *status quo*, mesmo que restrita a uma região específica do globo, exerce sobre toda a economia global. Nesse contexto, faz-se necessária

uma breve abordagem sobre conceito de Segurança Energética, o qual é essencial para o pleno entendimento do tema abordado.

Para Azzuni e Breyer (2018), segurança energética define-se como:

Fornecimento adequado, confiável e competitivo de energia nos setores de eletricidade, gás e combustíveis líquidos, onde: Adequação é o fornecimento de energia suficiente para apoiar a atividade econômica e social; Confiabilidade é o fornecimento de energia com interrupções mínimas no fornecimento; Competitividade é o fornecimento de energia a um preço acessível (Azzuni; Breyer, 2018)

Em um breve apanhado histórico, convém destacar a afirmação de Nunes (2013, p. 4): “o termo segurança energética reportou-se originalmente a uma conjuntura precisa, a crise petrolífera de 1973/74”. Essa referência histórica evidencia que o próprio tema (produção petrolífera e combustíveis) possui uma relação direta e estruturante com a definição de segurança energética.

Desde então, embora o conceito tenha assumido diferentes interpretações, inclusive em distintos contextos regionais, permanece central a preocupação dos Estados com o fornecimento contínuo, estável e acessível de energia. A partir da década de 1970, principalmente após as sucessivas crises do petróleo, o acesso aos combustíveis fósseis passou a ser tratado como um ativo estratégico para a soberania nacional e a estabilidade econômica.

Como observa Nunes (2013), essas conjunturas geopolíticas impulsionaram uma reformulação do conceito de segurança energética, que passou a abranger não apenas o suprimento em si, mas também a resiliência das cadeias de abastecimento e a diversificação das fontes energéticas. Tal perspectiva se intensificou com os conflitos contemporâneos, reafirmando o papel central da energia na agenda estratégica das relações internacionais.

É importante destacar que as diferentes Teorias das Relações Internacionais podem abordar o tema de diversas maneiras. A exemplo, sob a ótica da tradicional Teoria Realista, o conceito de Segurança Energética “é uma definição defensiva e nacional de segurança, tendo na dimensão militar e na balança de poder as garantias principais de segurança estatal” (Santos *et al.*, 2012).

Assim, embora existam abordagens distintas para esse conceito, é viável observar que o tema ocupa um papel estratégico de suma importância nas relações internacionais, pois envolve questões de soberania, desenvolvimento econômico, política e, cada vez mais, preocupações ambientais vinculadas à sustentabilidade das matrizes energéticas. Os Estados têm buscado constantemente a transição para fontes renováveis, visando diminuir os impactos ambientais, e a diversificação das cadeias de suprimento, tornam-se essenciais para assegurar

uma matriz energética sólida, resiliente e sustentável, para, além de tudo, reduzir a dependência de outros atores. Assim, um conflito armado externo teria uma influência mínima no âmbito doméstico do Estado que dispõe de fontes energéticas alternativas.

4 Impacto do conflito na segurança energética global

O conflito entre Rússia e Ucrânia deflagrou a mais grave crise energética mundial em décadas, comprometendo a segurança energética de diversos países, causando-lhes consequências severas no âmbito doméstico.

É sabido que no mundo globalizado que se estabeleceu, acima de tudo com o fim da polarização causada pela Guerra Fria, aos Estados lhes são impostas sanções, principalmente econômicas, quando esses tomam decisões de natureza bélica sobre outros e, por conseguinte, é afetado praticamente o mundo todo. Logo, diversas sanções foram impostas ao Estado russo desde a anexação da Crimeia, pela segunda vez, em 2014 (haja vista que a primeira ocorrera em 1783).

Com o início da guerra, em 22 de fevereiro de 2022, diversos atores internacionais se mobilizaram para conter o avanço das tropas russas sobre o território ucraniano, por meio de novas sanções econômicas. No entanto, à época que estas foram aplicadas, a reação que a Rússia teria, permanecia uma incógnita.

4.1 A Rússia e o uso estratégico dos recursos energéticos

As sanções ocidentais, impostas ao Estado russo, assim como aquelas impostas a países como Irã e Venezuela, resultaram em cortes significativos na oferta de combustíveis fósseis nos mercados internacionais. Segundo Camacho e Rodrigues (2017, p. 4), em seu estudo sobre o perfil energético russo, a Rússia “é o terceiro maior produtor de *crude*, depois da Arábia Saudita e dos Estados Unidos da América, com 10,98 milhões de barris por dia”.

Além disso, esse choque de oferta ocorreu em meio à recuperação econômica pós-pandemia, o que ampliou a escassez energética e aumentou os preços do petróleo e do gás natural a patamares recordes. Conforme aponta Delgado, Monteiro e VITTO (2023), “a consequência visível desse contexto foi a explosão dos preços da energia. O barril de petróleo voltou a atingir patamares de cerca de US\$ 100.” Inclusive, valores tão altos, não se veem, desde 2008 (Delgado; Monteiro; Vitto, 2023).

Tais aumentos elevaram os custos de energia globalmente, ocasionando à segurança energética mundial, diversas vulnerabilidades. Notadamente, uma parte significativa do território europeu foi a região mais afetada pela disrupção no suprimento energético. Antes da

guerra iniciada em 2022, países europeus dependiam da Rússia para cerca de 40% do gás natural consumido (Delgado; Monteiro; Vitto, 2023), e uma parcela relevante do petróleo e carvão. Essa dependência extrema se revelou como uma fragilidade crítica com a escalada do conflito. No entanto, não é a primeira vez que a Rússia reduz ou interrompe o fornecimento desses recursos, conforme o exemplo apontado por António Costa Silva:

Quando a Rússia cortou o abastecimento de gás à Ucrânia no dia 1 de Janeiro de 2006, o mercado energético europeu mostrou todas as suas fragilidades. [...] A Rússia mostrou que é um fornecedor não fiável e que não hesita em utilizar os seus recursos energéticos como uma arma geopolítica. Este foi um aviso sério para a Europa (Silva, 2007, p. 54).

4.2 Consequências globais do choque energético pós-invasão russa

Consequentemente, com o aumento nos preços dessas *commodities*, os países europeus viram sua segurança energética ameaçada, de modo que isso tensionou o abastecimento de nações importadoras na Ásia, evidenciando o efeito em cascata do conflito sobre a segurança energética global. Diante desses choques, a Rússia reafirmou seu papel central na geopolítica da energia. Assim, a Rússia utilizou-se desses instrumentos para influenciar a resposta que outros Estados tiveram às suas ações bélicas (*International Energy Agency*, 2025).

O resultado foi uma reconfiguração dos fluxos energéticos globais: enquanto parte da Europa, Estados Unidos (entre outros), cortaram importações de petróleo russo e traçaram planos para eliminar o gás russo de sua matriz. A Rússia, por sua vez, de acordo com o *The Moscow Times* (2023), redirecionou a maior parte de suas exportações de petróleo para a China e a Índia.

Em suma, o choque de energia causado após invasão russa em 2022, foi comparado à crise dos anos 1970 em magnitude, configurando o maior abalo de *commodities* em cinco décadas (*World Bank*, 2022), de modo que essas respostas imediatas evidenciaram sobremaneira como a guerra obrigou os Estados a reavaliarem suas políticas energéticas.

5 Implicações econômicas do conflito

A disparada dos preços dos combustíveis fósseis em 2022 teve repercussões econômicas mundiais, que intensificaram a inflação e retiveram o crescimento global.

O Banco Mundial, estimou que os preços de energia subiriam mais de 50% em 2022 em relação a 2021, atingindo níveis historicamente elevados (*World Bank*, 2022). Essa

escalada nos custos de energia refletiu-se nos preços finais de bens e serviços, impulsionando a inflação global a patamares não observados há décadas.

Estimativas econométricas do *Federal Reserve* (EUA) realizadas para o primeiro semestre de 2022 indicaram que a guerra reduziria o PIB mundial em aproximadamente 1,5% naquele ano, em comparação a um cenário sem conflito, além de acrescentar cerca de 1,3 ponto percentual à inflação global. Assim, o estudo destacou:

Nosso principal resultado sugere que o aumento dos riscos geopolíticos observado desde a invasão russa à Ucrânia terá efeitos macroeconômicos não desprezíveis em 2022. Em comparação com um cenário contrafactual sem guerra, o modelo projeta que o conflito reduzirá o nível do PIB global em cerca de 1,5% e resultará em um aumento da inflação global de aproximadamente 1,3 ponto percentual. Os efeitos adversos dos riscos geopolíticos no modelo ocorrem por meio da queda na confiança dos consumidores, do aumento dos preços das commodities e do endurecimento das condições financeiras. Além disso, indicadores em nível empresarial sugerem que o impacto sobre as economias europeias será provavelmente o mais significativo, especialmente nas indústrias produtoras de bens. (Tradução livre) (Caldara *et al.*, 2022)

Embora a estimativas do *Federal Reserve* não tenham sido utopistas, elas foram sobrepujadas pelos resultados que se revelaram, pois conforme aponta Georgieva, (2023), “o crescimento global em 2022 caiu pela metade, de 6,1 para 3,4 por cento”, refletindo uma queda de 2,7 pontos percentuais. Já no que diz respeito à inflação, Wiseman (2023) afirma que a inflação global atingiu 8,8% em 2022, um aumento de 5,3 pontos percentuais em relação a 2021.

Em outras palavras, o conflito travado entre Rússia e Ucrânia não só elevou a inflação mundial, como também derrubou as projeções de crescimento econômico, conforme aponta Kammer Alfred *et al.* (2022), que “além do sofrimento e da crise humanitária decorrente da invasão da Ucrânia pela Rússia, toda a economia mundial sentirá os efeitos da desaceleração do crescimento e da aceleração da inflação”.

5.1 Desigualdade nos efeitos da crise energética global

Governos tiveram de escolher entre subsidiar combustíveis (onerando as contas públicas) ou repassar aumentos ao consumidor, arriscando descontentamento social. Em várias regiões da África, Ásia Central e América Latina, o encarecimento de energia e alimentos elevou o risco de agitação social e piorou a insegurança alimentar, dadas as populações de baixa renda já comprometidas com gastos básicos (Kammer *et al.*, 2022).

Dessa maneira, observa-se que o conflito impactou de maneira desigual os diversos Estados, favorecendo exportadores com superávit, mas também criando um desafio para

países importadores, os quais enfrentaram escassez e tiveram sua inflação acentuada, conforme afirma KAMMER alfred *et al.* (2022):

Economias dependentes do petróleo importado experimentarão déficits fiscais e comerciais mais elevados e uma pressão inflacionária maior, embora alguns exportadores, como os do Oriente Médio e da África, possam se beneficiar da alta dos preços (Kammer *et al.*, 2022).

5.2 Impulso à transição energética

A guerra alterou profundamente a conjuntura internacional, com múltiplos efeitos geopolíticos e econômicos. Logo, ocorreram alterações estruturais nas cadeias de suprimento de energia, o que impulsionou diversos ajustes na matriz energética de vários países. De certa forma, o obstáculo por eles enfrentados, decorrentes da interrupção de fluxos tradicionais, incentivou diversos Estados a reformularem seus meios de obtenção de suprimentos energéticos. Além disso, surgiram novas interações entre os diversos atores, fazendo com que estes buscassem por meios alternativos, como os biocombustíveis e a energia renovável, como a solar e a eólica. Isso ampliou os programas de eficiência energética, para reduzir a dependência de combustíveis sujeitos a choques geopolíticos, por meio de políticas alternativas, em especial, aquelas que visam reduzir a dependência direta de atores específicos.

6 Efeitos da alta dos combustíveis no Brasil

A escalada dos preços internacionais do petróleo, desencadeada pelo conflito, gerou impactos significativos (e em muitos casos assimétricos) no mercado interno de combustíveis. Apesar de o Brasil ser um dos maiores produtores mundiais de petróleo bruto, a dependência da importação de derivados, aliada à política de Preço de Paridade de Importação (PPI) adotada pela Petrobras desde 2016, aumentou a sensibilidade do mercado doméstico, frente às oscilações externas.

Segundo a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), o PPI consiste numa estimativa semanal baseada em preços internacionais, elaborada pela consultoria S&P Global, com o objetivo de promover maior transparência na formação dos preços dos combustíveis. Essa política determina que os preços internos sejam calculados com base nas cotações do petróleo no mercado internacional, somadas aos custos de importação, o que resulta na rápida transferência de aumentos globais ao consumidor nacional, mesmo quando os custos de produção interna são inferiores.

6.1 Impactos regionais e desigualdades estruturais

Sobretudo no plano regional, os efeitos da alta dos combustíveis revelaram-se ainda mais complexos. Conforme apontado por Carvalho *et al.* (2022), por meio de simulações baseadas no modelo de Equilíbrio Geral Computável dinâmico inter-regional TERM-UF, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em Desenvolvimento Urbano e Regional da Universidade Federal do Paraná (Carvalho *et al.*, 2022), os preços médios nacionais da gasolina e do diesel registraram, em março de 2022, elevações expressivas de 18,8% e 24,9%, respectivamente. Variação que, segundo os autores, teria causado uma retração de 0,87% no PIB nacional e uma queda de 1,27% no consumo das famílias. Estados como Rio de Janeiro, Bahia, Sergipe e Amazonas figuraram entre os mais afetados economicamente, devido à relevância da cadeia do petróleo, à estrutura logística e à dependência da malha rodoviária para escoamento de bens e serviços.

No mesmo período, os custos operacionais totais medidos pelo Índice Nacional de Custos do Transporte de Carga Lotação (INCTL) e pelo Índice Nacional de Custos do Transporte de Carga Fracionada (INCTF) aumentaram 18,07% e 11,02%, respectivamente (Carvalho *et al.*, 2022). Um relatório da Federação dos Caminhoneiros Autônomos de Cargas (FETRABENS) demonstrou que, em rotas de até aproximadamente 3.000 km, o diesel passou a representar até 51,72% do custo total dos transportadores autônomos de carga (Pereira, 2022), pressionando sobremaneira a rentabilidade do setor. Esses impactos logísticos se espalham por toda a economia, com efeitos particularmente intensos nas regiões Norte e Nordeste, mais dependentes do transporte rodoviário e geograficamente afastadas dos centros produtores (Barreto, 2022).

Além da retração do PIB, o estudo também estimou uma redução significativa no consumo das famílias, especialmente em estados como Pará, Maranhão, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, cujas quedas ultrapassaram 1,8%. Impactos como estes refletem, sobretudo, o aumento nos custos dos setores mais sensíveis à variação do preço dos combustíveis, como transportes (-2,49%) e alimentos (-2,22%).

6.2 Impactos indiretos no cotidiano da população

O aumento dos combustíveis impactou diretamente o cotidiano da população brasileira. A elevação do preço do diesel, que também é um derivado do petróleo bruto, combustível base do transporte coletivo urbano e de carga, gerou forte pressão sobre as tarifas de ônibus. Segundo levantamento da Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos (NTU),

o reajuste acumulado do diesel em 2022 exigiria um aumento médio de 15% nas tarifas para manter o equilíbrio operacional (Rodrigues, 2022). Cidades como Belém, Fortaleza e Salvador registraram elevações entre 20% e 30% nas passagens de ônibus, sendo Belém a capital com maior alta no país, com reajuste de 30,9% ao longo de 2022 (O Liberal, 2023).

6.2.1 Impacto no transporte urbano

Embora muitos brasileiros não utilizem veículos próprios nem consumam diesel diretamente, os aumentos expressivos nesse insumo afetam indiretamente o conjunto da sociedade. Isso ocorre, principalmente, por meio do encarecimento do transporte coletivo urbano e da logística de bens essenciais. O diesel, derivado do petróleo, é a principal base do transporte rodoviário no Brasil, tanto de cargas quanto de passageiros, o que o torna um fator determinante nos custos logísticos e na cadeia de abastecimento nacional.

6.2.2 Impacto nos fretes e dados da NTC

Segundo a Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística (NTC&Logística), o reajuste de 8,9% no diesel promovido pela Petrobras em março de 2022 resultaria em um aumento emergencial mínimo de 3,1% nos contratos de frete. A entidade também destacou que, no acumulado de doze meses até março daquele ano, o preço do diesel nos postos havia subido, em média, 21,21%, chegando a até 49,01% em algumas regiões do país (Barreto, 2022). Essas projeções foram confirmadas pelo Departamento de Custos Operacionais (DECOPE), vinculado à NTC, que registrou um aumento acumulado de 22,64% no diesel tipo S-10 e de 22,44% no diesel comum entre novembro de 2021 e novembro de 2022.

6.2.3 Estimativas macroeconômicas e impactos projetados

Adicionalmente, um estudo conduzido por Carvalho *et al.* (2022), com base no modelo TERM-UF, indicou que os aumentos no preço do diesel e da gasolina em março de 2022 resultaram em retração econômica e impactos negativos relevantes no consumo interno. Os autores também identificaram efeitos mais intensos nos setores de transportes e alimentos, configurando um verdadeiro efeito cascata sobre a economia. Esse impacto foi particularmente sensível em estados produtores de petróleo e em regiões com alta dependência do transporte rodoviário. Por fim, uma pesquisa publicada na revista Nova Economia estimou os potenciais efeitos de um eventual desabastecimento de diesel,

apontando para perdas significativas no Produto Interno Bruto, redução na geração de empregos e elevação nos preços finais ao consumidor (Moreira; Ribeiro; Alvarenga, 2024).

6.3 Impacto nos motoristas particulares

A alta expressiva dos preços da gasolina comum, impulsionada pelo conflito Rússia-Ucrânia e pela política de paridade de preços adotada no Brasil, não afetou apenas estruturas econômicas mais amplas, como o transporte coletivo e o setor de fretes. Os efeitos também se fizeram sentir de forma imediata e contundente no cotidiano dos motoristas particulares, sobretudo entre aqueles que dependem diretamente do automóvel para locomoção diária, trabalho e sustento. O presente tópico analisa, de forma segmentada, como essa parcela significativa da população brasileira foi impactada nos meses que se seguiram ao início do conflito.

6.3.1 Alta de preços e desigualdade no consumo

Após o início do conflito entre Rússia e Ucrânia, em fevereiro de 2022, observou-se uma disparada nas cotações internacionais do petróleo. Em consequência disso, e considerando a política de paridade de importação adotada pela Petrobras, os reajustes domésticos elevaram drasticamente o preço da gasolina comum no Brasil (Carvalho *et al.*, 2022). O valor médio do litro de gasolina atingiu patamares recordes – chegando a aproximadamente R\$ 7,39 na média nacional em junho de 2022, segundo dados da ANP –, refletindo um aumento de cerca de 30% em relação ao ano anterior (Almeida, 2022).

Entre os efeitos sociais mais expressivos, destaca-se a retração no consumo das famílias, em razão da elevação dos gastos com transporte. O peso desse impacto foi desproporcionalmente maior entre os grupos de menor renda, que já destinavam parte significativa de seus orçamentos à mobilidade particular, tornando-se mais vulneráveis ao choque de preços (Carvalho *et al.*, 2022).

6.3.2 Trabalhadores autônomos e motoristas de aplicativo

No caso dos brasileiros que utilizam o carro como ferramenta de trabalho informal (especialmente os motoristas de aplicativos de transporte) os efeitos da alta da gasolina foram ainda mais pronunciados. Como o combustível representa uma proporção elevada dos custos de operação desses trabalhadores (estima-se que cerca de metade de seus ganhos passou a ser

gasto apenas com gasolina após os reajustes de 2022), muitos viram sua margem de lucro despencar, tornando a atividade progressivamente menos viável.

Com as tarifas dos aplicativos reajustadas em ritmo inferior ao dos combustíveis, diversas ocorrências foram relatadas de motoristas trabalhando jornadas mais longas apenas para empatar os custos, ou mesmo operando no prejuízo (Caldas, 2022). Representantes da categoria alertaram para um possível êxodo de condutores: em São Paulo, por exemplo, aproximadamente 25% dos motoristas de aplicativos já haviam abandonado a profissão devido à alta dos combustíveis e à defasagem das remunerações desde 2021 (Chiara, 2022).

Diante desse cenário, associações representativas apontaram para uma severa deterioração das condições financeiras da atividade, tornando a profissão economicamente insustentável (Chiara, 2022; Caldas, 2022). Muitos condutores, portanto, sentiram de forma intensa e imediata os efeitos da alta dos combustíveis, enfrentando uma significativa redução de renda e, em casos mais críticos, operando com margens negativas.

6.3.3 Reflexão crítica sobre o impacto nos motoristas particulares

Em síntese, a alta dos combustíveis atingiu em cheio os motoristas particulares, revelando não apenas o peso da dependência estrutural do automóvel na vida urbana brasileira, mas também os limites de resiliência econômica de trabalhadores autônomos frente a choques externos de grande escala.

6.4 Considerações sobre a vulnerabilidade energética do Brasil

De forma geral, os efeitos da guerra refletiram-se com intensidade no cenário doméstico brasileiro. As assimetrias regionais, os gargalos logísticos e a dependência do transporte rodoviário agravaram os impactos econômicos e sociais da crise dos combustíveis, evidenciando a vulnerabilidade estrutural do país diante de choques externos. Esses elementos reforçam a urgência de políticas públicas voltadas à diversificação da matriz de abastecimento, à revisão de práticas tarifárias e à ampliação de medidas compensatórias para as regiões mais sensíveis às oscilações internacionais de preços.

Nesse contexto, torna-se imprescindível discutir estratégias de mitigação que possam reduzir os riscos associados à dependência energética e fortalecer a resiliência do país diante de crises internacionais futuras.

7 Considerações finais

Ao longo desta análise, observou-se que o conflito entre Rússia e Ucrânia produziu impactos amplos e multifacetados sobre o sistema internacional, atingindo com particular intensidade o setor energético. No contexto brasileiro, as consequências da alta global nos preços dos combustíveis revelaram a fragilidade da estrutura de abastecimento nacional, marcada por gargalos logísticos, dependência de derivados importados e políticas de precificação atreladas ao mercado externo. Os efeitos, embora generalizados, manifestaram-se de maneira desigual entre regiões e grupos sociais, penalizando de forma mais aguda os segmentos economicamente mais vulneráveis.

Conclui-se, portanto, que o conflito entre Rússia e Ucrânia impactou diretamente os preços dos combustíveis no Brasil ao expor, com ainda mais força, a dependência da política energética nacional frente às oscilações internacionais. Essa conjuntura comprometeu a segurança energética do país, ao evidenciar a incapacidade do atual modelo de assegurar estabilidade no fornecimento e nos preços dos insumos energéticos em períodos de crise. Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de revisão estratégica do modelo energético e tributário do país. Embora as medidas em nível federal desempenhem papel central, é fundamental reconhecer que as esferas estaduais e municipais também podem e devem assumir protagonismo na mitigação dos efeitos de choques internacionais. A adoção de políticas tributárias emergenciais, voltadas à redução de alíquotas ou à concessão de subsídios temporários, tanto para fornecedores quanto para segmentos críticos do setor terciário, configura-se como alternativa viável à contenção da escalada inflacionária e à proteção do consumidor final.

Ao evitar que toda a carga tributária recaia sobre a população, especialmente em momentos de instabilidade externa, os entes subnacionais contribuem para a preservação do poder de compra, a estabilidade dos mercados locais e a resiliência econômica do país como um todo. Essa lógica de corresponsabilidade entre os níveis de governo, aliada à diversificação da matriz energética e à busca por soluções sustentáveis, pode representar um importante avanço na construção de um sistema energético mais robusto, justo e preparado para enfrentar crises futuras.

Referências

AFP. Russia says redirected most oil exports to China, India. **The Moscow Times**, 27 dez. 2023. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2023/12/27/russia-says-redirected-most-oil-exports-to-china-india-a83578>. Acesso em: 9 abr. 2026.

ALMEIDA, P. Preço do litro da gasolina cai pela quinta semana e chega a R\$ 5,74. **CNN Brasil**, Rio de Janeiro, 30 jul. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/preco-do-litro-da-gasolina-cai-pela-quinta-semana-e-chega-a-r-574/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

AZZUMI, A.; BREYER, C. Definitions and dimensions of energy security: a literature review. *Wires energy and environment*, [s. l.], v. 7, p. 1-34, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1002/wene.268>. Disponível em: <https://wires.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/wene.268>. Acesso em: 09 abr. 2026.

BARRETO, E. Setor de fretes e cargas prevê aumento de 3% nos contratos com reajuste do diesel. **CNN Brasil**, Rio de Janeiro, 10 maio 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/setor-de-fretes-e-cargas-preve-aumento-de-3-nos-contratos-com-reajuste-do-diesel/>. Acesso em: 6 abr. 2025.

CALDARA, D. *et al.* **The effect of the war in Ukraine on global activity and inflation.** FEDS Notes, Washington, D.C.: Board of Governors of the Federal Reserve System, 27 maio 2022. Disponível em: <https://www.federalreserve.gov/econres/notes/feds-notes/the-effect-of-the-war-in-ukraine-on-global-activity-and-inflation-20220527.html>. Acesso em: 9 abr. 2026.

CALDAS, A. C. Com alta dos combustíveis, motoristas de aplicativos desistem da profissão. **Brasil de Fato**, 21 mar. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/21/com-alta-dos-combustiveis-motoristas-de-aplicativos-desistem-da-profissao>. Acesso em: 14 abr. 2025.

CAMACHO, P.; RODRIGUES, T. **A agenda energética UE–Rússia: uma relação de interdependência.** Working Paper n. 2, Lisboa: Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI)/Universidade NOVA de Lisboa, 2017. Disponível em: https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/6598641/PC_TFR_Agenda_Energetica_UE_WP_2_2017.pdf. Acesso em: 9 abr. 2026.

CARVALHO, T. S. *et al.* **Impactos econômicos do aumento nos preços da gasolina e do diesel no Brasil em 2022.** Nota Técnica NEDUR-UFPR n. 01-2022. Curitiba: Núcleo de Estudos em Desenvolvimento Urbano e Regional (NEDUR), Universidade Federal do Paraná, mar. 2022. Disponível em: <https://nedur.ufpr.br/wp-content/uploads/2022/03/nedur-ufpr-01-2022.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2026.

CHIARA, M. D. Custo da gasolina pode causar debandada em apps, avaliam representantes do setor. **CNN Brasil**, 15 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/custo-da-gasolina-pode-causar-debandada-em-apps-avaliam-representantes-do-setor/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

DELGADO, F.; MONTEIRO, L.; VITTO, W. C. O conflito na Ucrânia e suas implicações na geopolítica da energia. **Ensaio Energético**, 27 fev. 2023. Disponível em: <https://ensaioenergetico.com.br/o-conflito-na-ucrania-e-suas-implicacoes-na-geopolitica-da-energia/>. Acesso em: 4 mar. 2025.

GEORGIEVA, K. **The path to growth: three priorities for action.** Curtain Raiser Speech – 2023 Spring Meetings. Washington, D.C.: International Monetary Fund, 6 abr. 2023.

Disponível em: <https://www.imf.org/en/news/articles/2023/04/06/sp040623-sm23-curtainraiser>. Acesso em: 9 abr. 2026.

INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. **2022 energy crisis**. Paris: IEA, 2022. Disponível em: <https://www.iea.org/topics/2022-energy-crisis>. Acesso em: 9 abr. 2026.

KAMMER, A. *et al.* How War in Ukraine Is Reverberating Across World's Regions. **IMF Blog**, Washington, D.C., 15 mar. 2022. Disponível em: <https://www.imf.org/en/blogs/articles/2022/03/15/blog-how-war-in-ukraine-is-reverberating-across-worlds-regions-031522>. Acesso em: 09 abr. 2026.

MOREIRA, M. M.; RIBEIRO, L. C.; ALVARENGA, A. A. Impactos socioeconômicos de um desabastecimento de diesel na economia brasileira: uma análise de insumo-produto. **Nova Economia**, [s. l.], v. 34, n. 1, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6351/8215>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/neco/a/fTpRMdgvT5R4Fr8PMLBcrMQ/?lang=pt>. Acesso em: 7 abr. 2025.

NUNES, C. C. O conceito de segurança energética. **Working Paper n.º 17**, Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, Porto, 2013.

PEREIRA, J. L. **O impacto do aumento do óleo diesel nos custos do transportador autônomo de cargas**. [S. l.]: FETRABENS, 2022. Disponível em: <https://fetrabens.org.br/uploads/acoes/61fbfa9dafc7c.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2025.

RODRIGUES, D. Alta do diesel de 2022 pode elevar a tarifa de ônibus em 15,4%. **Poder360**, Brasília, 9 maio 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/alta-do-diesel-de-2022-pode-elevar-a-tarifa-de-onibus-em-154/>. Acesso em: 6 abr. 2025.

SANTOS, E. M. *et al.* A Dialética da segurança energética e a interdependência das nações reflexões focadas no papel do petróleo e na dimensão brasileira. 2013, **Anais [...]** Buenos Aires: ALADEE, 2013. Acesso em: 09 abr. 2026.

SILVA, A. C. A segurança energética da Europa. **Nação e Defesa**, Lisboa, n. 116, 2007. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/nacao/article/view/39005>. Acesso em: 09 abr. 2026.

TRANSPORTE rodoviário fica 31% mais caro; Belém teve a maior alta. **O Liberal**, Belém, 5 fev. 2023. Disponível em: <https://www.oliberal.com/economia/transporte-rodoviario-fica-31-mais-carro-belem-teve-a-maior-alta-1.641937>. Acesso em: 9 abr. 2026.

WISEMAN, Paul. IMF upgrades outlook for the global economy in 2023. **AP NEWS**, 31 jan. 2023. Disponível em: <https://apnews.com/article/inflation-international-monetary-fund-china-economy-business-b38530a50416d0356fec60d30da97b61>. Acesso em: 15 maio 2025.

WORLD BANK. Food and energy price shocks from Ukraine war. **Press release**, Washington, 26 abr. 2022. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2022/04/26/food-and-energy-price-shocks-from-ukraine-war>. Acesso em: 16 mar. 2025.

Data de submissão: 09/06/2025

Data de aceite: 08/04/2026